Acervo ISA

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Jornal do Brasil CLASS. : Eco-92 11

DATA : 01 04 92 PG. : 06

Eco 92

Sem comida na aldeia Kari-Oca

■ *Com problemas de alimentação e alojamento, 64 índios paralisam construção de ocas e ameaçam voltar para casa*

Octavio Guedes

O índio quer comida. Se não der, pau vai comer. Este foi o grito de guerra que soou alto ontem na aldeia Kari-Oca, em Jacarepaguá, onde 64 índios do Alto Xingu paralisaram a construção das ocas e ameaçam voltar para casa sem concluir o trabalho para a Rio-92. Com problemas de alimentação e hospedagem, os índios — que comeram farinha e feijão no último domingo, quando foram ao Maracanã assistir ao jogo Vasco e Flamengo — estão tentando entrar em contato com o cacique Aritana Yawalapiti, no Xingu. "Se o cacique mandar, a gente vai embora do Rio na hora, porque fomos enganados", avisa Piracumã Yawalapiti, chefe dos construtores e irmão de Aritana.

Ontem, os índios deveriam colher sapê para cobrir a segunda oca (uma delas já tem cobertura), mas como o ônibus da Companhia de Transportes Coletivos e o caminhão que iriam transportá-los não apareceram, a rotina na aldeia se manteve inalterada. Eles passaram a manhã descansando nas redes, enquanto um pequeno grupo se divertia na TV com o seriado *Jaspion*, uma versão moderna do National Kid.

Na aldeia Kari-Oca, só há trabalho mesmo para oito baianos da firma Canabrava Arquitetura Natural, responsável pela construção de 15 quiosques. "O problema é que estes quiosques deveriam servir de alojamento para nós, mas só estão sendo erguidos agora", diz Piracumã. "E olha que já estamos no Rio desde o dia 17 de fevereiro. Dormimos nas cabanas da Defesa Civil e não temos nem banheiro, nem chuveiro. Tomamos banho graças a uma mangueira que os bombeiros deixaram aqui."

O maior problema para os índios, entretanto, é a comida. A firma M. Graça Neves Refeições diminuiu a cota de alimentação na última sexta-feira, alegando dívidas de Cr$ 25 milhões. A proprietária da empresa, Maria da Graça, que conheceu os índios durante a produção do filme *Kuarup*, de Ruí Guerra, quando trabalhou como coordenadora do acampamento, contou que no domingo só conseguiu servir feijão com farinha. "Ninguém me paga, como é que eu posso comprar mais comida?", desculpou-se.

O coordenador do Comitê Intertribal, o índio Macsuara, da tribo Kadiwel, do Mato Grosso, que não está morando na Kari-Oca, reconhece a dívida e diz que ela será saldada dentro de uma semana. "O problema foi que a Maria da Graça só entregou as notas fiscais na última sexta-feira. Nós já mandamos as notas para Brasília para que a ONU pague as despesas, o que deverá ocorrer até o final desta semana. Até lá, outra firma vai fornecer alimentação", diz Macsuara.

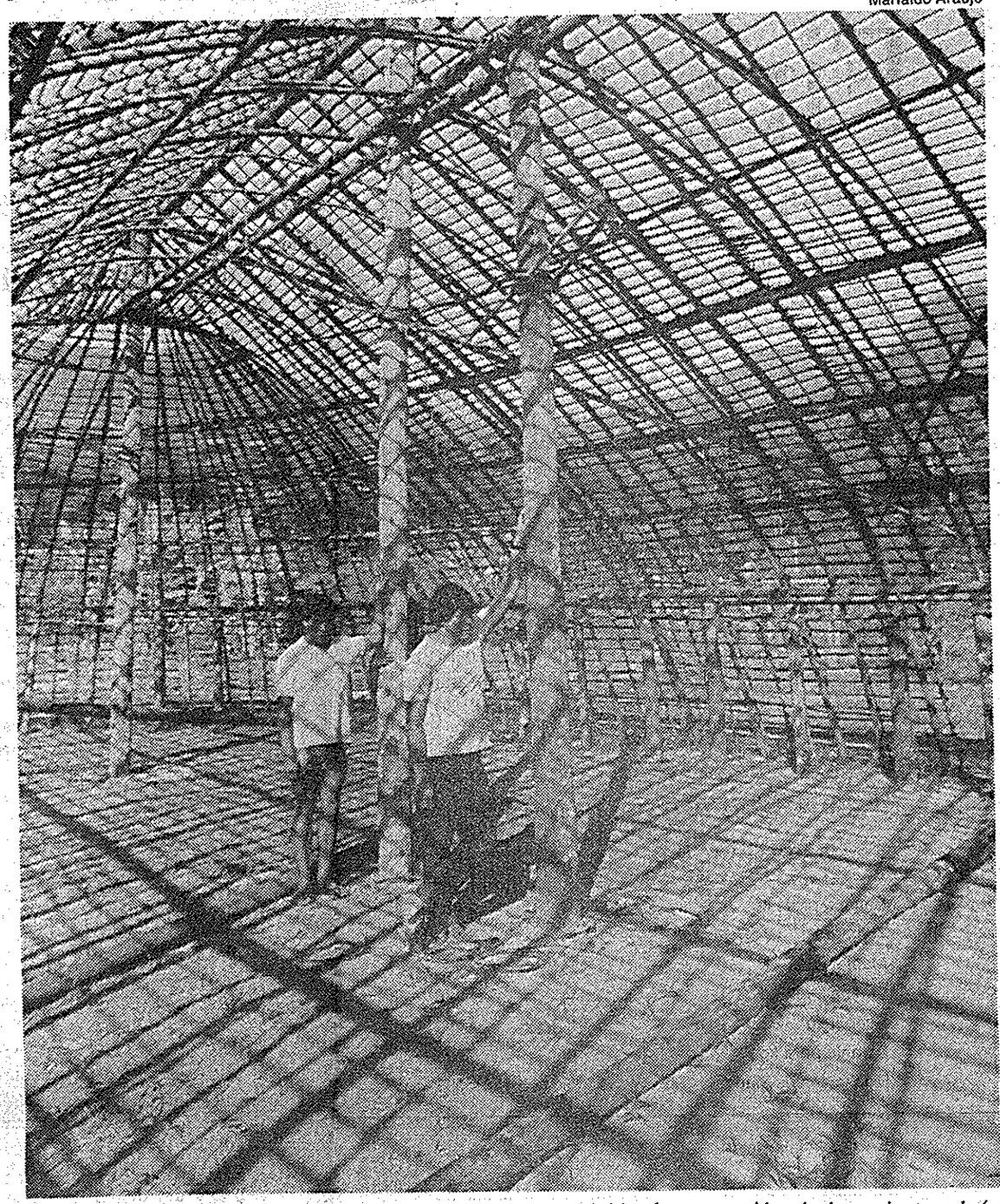
Piracumã acusa Comitê

"Não dá para confiar em índio de cidade." O desabafo é do chefe dos construtores do Alto Xingu, Piracumã Yawalapiti, referindo-se aos integrantes do Comitê Intertribal, Marcos Terena e Macsuara. "Eles não cumpriram a palavra e vamos embora se Aritana mandar", completou. Responsável pela organização do evento, o Comitê Intertribal é acusado de omissão. "Terena e Macsuara pouco vêm aqui", diz Piracumã.

Até decidirem cruzar os braços e voltar para o Xingu, os construtores indígenas sofreram uma série de decepções no Rio de Janeiro. Os alojamentos prometidos pelo GTN, com banheiros e chuveiros, não saíram do papel e os índios ficaram alojados em barracas da Defesa Civil, "quentes durante o dia e frias à noite", segundo Yamoni, mulher de Piracumã e única mulher da Aldeia Kari-Oca.

Quando a comida começou a escassear, o ingresso de jornalistas na aldeia foi dificultado. Os seguranças que trabalham na portaria da Colônia Juliano Moreira receberam ordens de só deixar entrar jornalistas com permissão por escrito de Marco Terena. O índio, entretanto, está há vários dias fora do Rio de Janeiro. Burlar a segurança era impossível, pois até chegar a aldeia era preciso passar por mais duas guaritas, vigiadas também por PMs. "Eu não sabia que isto estava acontecendo. Outro dia me falaram que uma equipe de TV espanhola ficou o dia todo me esperando na portaria da colônia", diz Piracumã. "Ficamos ilhados."

Marialdo Araújo



□ *Situada na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, nos limites do Parque Estadual da Pedra Branca, a Aldeia Kari-Oca sediará, de 25 a 30 de maio, a Conferência dos Povos Indígenas, com previsão inicial de participação de 400 lideranças indígenas de todo o planeta. Os índios ficaram responsáveis pela construção de duas ocas em estilo xinguano e de um plenário em estilo tucano. Construídas com pindaíba (madeira trazida de caminhão da Amazônia), amarradas com imbira (uma espécie de cipó) e cobertas com sapê, as ocas xinguanas servem para abrigar até 80 pessoas. A construção das duas ocas está adiantada, faltando apenas a cobertura de uma delas. Os índios, entretanto, se recusaram a buscar mais sapê ontem, porque consideram que as promessas dos organizadores da conferência não foram cumpridas. A obra mais atrasada é a do plenário tucano, que só tem parte da estrutura montada. Os índios tucanos também estão de braços cruzados. Pior ainda é a situação do GTN, responsável por construir seis alojamentos para os índios, três banheiros, um pequeno escritório, sala de exposição e três guaritas. Estas obras, orçadas em Cr$ 104 milhões só começaram na semana passada.*

Terena garante fim do serviço

O coordenador do Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência, Marcos Terena, afirmou ontem, por telefone, de Brasília, que os índios construtores da Kari-oca receberão o pagamento de seu trabalho — Cr$ 500 mil para cada um — depois que concluírem o serviço, conforme foi acertado pessoalmente com Aritana Yawalapiti, chefe do Alto Xingu. Terena afirmou ainda não ter recebido a mensagem solicitando a volta dos índios, mas acha provável que eles se retirem ainda na próxima semana, já que estão cansados e precisam voltar para suas famílias e para a celebração do Quarup.

A mensagem do chefe Aritana, segundo fontes que chegaram do Xingu, foi precisa: "Depois de dois meses de trabalho e sem a prometida estrutura para das condições mínimas de higiene e viver básico no local, pedimos então, com máxima urgência o retorno dos construtores para o Xingu", disse a mensagem, passada por rádio pela Funai.

No Rio, a coordenadora de Assuntos Indígenas do Grupo de Trabalho Nacional (GTN), Roseane Novaes, admitiu que os indígenas enfrentam problemas na Aldeia Kari-Oca. "Os índios estão aborrecidos e não tiro a razão deles. Se não estão se sentindo bem aqui, devem ir embora, mas acho que poderiam deixar um arquiteto para ensinar a algumas pessoas do Rio de Janeiro a fazer a cobertura de sapê."

Apesar de o GTN ter sido responsável por viabilizar a infra-estrutura para os construtores, Roseane atribui a culpa pelo incidente ao Comitê Intertribal. Segundo ela, os índios foram avisados, em janeiro, de que os alojamentos não ficariam prontos a tempo. "O aviso foi dado ao Marco Terena. O GTN propôs que a vinda deles fosse adiada ou que eles ficassem hospedados em hotel". Ela foi surpreendida no dia 14 de fevereiro com a notícia de que os índios chegariam três dias mais tarde e ficariam hospedados em barracas.

O índio Macsuara, por sua vez, acusa o GTN. "Ontem eles prometeram ônibus e caminhão para a gente tirar mais sapê em Itaguaí, mas quando cheguei na CTC, não havia nenhum pedido. O GTN não colaborou conosco", disse ele.